

FRIEDRICH ENGELS: O GENERAL DE CASACA E A GENEALOGIA DO MODO DE DESTRUIÇÃO MILITAR CONTEMPORÂNEO

Friedrich Engels: the frock-coated general and the genealogy of the means of contemporary military destruction

Friedrich Engels: el general de levita y la genealogía de los medios de destrucción militar contemporánea

Ronaldo Queiroz de Moraes

Doutor História Social (USP)

Docente Substituto História, Alvorada-RS

Instituto de Educação Federal, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS-Campus Alvorada), Brasi

ronaldoqueirozster@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6322-1500> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

RESUMO

O artigo em tela compõe pesquisa de enfoque qualitativo acerca da leitura crítica dos textos militares escritos por Friedrich Engels – o segundo violino do marxismo – para compreender a genealogia do modo de destruição militar contemporâneo. Parto da premissa de que as fontes representam importante inovação à História Militar, porque esboçam, por meio de um olhar crítico-sensível, os primeiros passos de mutação da guerra moderna. Dito de outro modo, o esforço de investigação propõe a abertura das portas epistemológicas à percepção do avanço das formas de destruição como face da mesma moeda do progresso industrial. Assim, sigo a vereda interpretativa político-militar, aberta pelo General de Casaca, na direção das raízes da intensa militarização societal que, ainda hoje, corrompe utopias emancipatórias e a paisagem de um mundo moderno de paz perpétua.

PALAVRAS-CHAVE: Militarismo, Endocolonização, Guerra Total.

ABSTRACT

The article at hand comprises qualitative research focused on the critical reading of military texts written by Friedrich Engels – the second violin of Marxism – in order to understand the genealogy of contemporary military destruction. I start from the premise that these sources represent an important innovation in Military History, as they outline, through a critical-sensitive perspective, the early steps of the mutation of modern warfare. In other words, the investigative effort concerns writing that proposes the opening of epistemological doors to the perception of the advancement of forms of destruction as two sides of the same coin of industrial progress. Thus, I follow the political-military path opened by the General of Casaca, towards the roots of the intense societal militarization that still today corrupts emancipatory utopias and the landscape of a modern world of perpetual peace.

KEYWORDS: Militarism, Endocolonization, Total War.

RESUMEN

Este artículo presenta una investigación cualitativa sobre la lectura crítica de textos militares escritos por Friedrich Engels —el segundo violín del marxismo— para comprender la genealogía de la destrucción militar contemporánea. Parto de la premisa de que estas fuentes representan una innovación importante en la historia militar, ya que describen, a través de una perspectiva crítico-sensible, los primeros pasos en la mutación de la guerra moderna. En otras palabras, esta investigación propone abrir puertas epistemológicas a la percepción del avance de las formas de destrucción como dos caras de la misma moneda que el progreso industrial. Así, sigo el camino interpretativo político-militar, abierto por el

general de esmoquin, hacia las raíces de la intensa militarización social que, aún hoy, corrompe las utopías emancipadoras y el panorama de un mundo moderno de paz perpetua.

PALABRAS CLAVE: Militarismo, endocolonización, guerra total.

[...] Engels foi um modelo de disciplina militar. “Sempre que nos deparávamos com alguma dificuldade, nós, que prestávamos serviços a nosso senhor, o povo, procurávamos Engels”, escreveu Eleonor Marx em 1890. [...] Sempre pensando em termos estratégicos [...] um intelectual tanto como um soldado, Engels era “O General”.

Tristram Hunt, *Comunista de Casaca: A vida revolucionária de Friedrich Engels*.

O exército tornou-se o fim principal do Estado – um fim em si: os povos só existem para fornecer soldados e alimentá-los. O militarismo domina e devora a Europa.

Friedrich Engels, *O Papel da Violência na História*.

Temos como certo que a guerra moderna envolve todos os cidadãos e mobiliza a maioria; é travada com armamentos que exigem um desvio de toda a economia para sua produção, e são usados em quantidades inimagináveis; produz indizível destruição e domina e transforma absolutamente a vida dos países nela envolvidos.

Eric Hobsbawm, *Era dos Extremos*.

1 INTRODUÇÃO

Friedrich Engels modestamente imaginava a si mesmo como “Segundo Violino” do pensamento revolucionário que teoricamente alcançou a plena coerência crítica com a publicação da obra “O Capital”. Posto que o “Primeiro Violino”, isto é, a função proeminente do instrumentista responsável pela afinação e execução dos solos da orquestra, foi reservada a Kar Marx. Entretanto, aqui proponho uma espécie de insurreição da epistemologia dominante, quando inverto a posição dos instrumentistas do materialismo histórico com a intenção de resgatar o pensamento sujeitado do, também, general de casaca, que primeiramente aplicou o materialismo histórico à leitura da lama das batalhas e da crescente militarização da sociedade contemporânea.

Escrevo no contrafluxo da paisagem ideológica dominante, dado que há um espaço militar, sobretudo hoje, que o olhar social tangência. Ele transborda o território castrense e o próprio teatro de guerra. Além disso, incorpora ao corpo social uma dimensão mítica. Afinal, abaixo de “Deus” está a pátria, que se configura cabalmente no homem fardado. De fato, basta um simples deslocamento pelas vias urbanas a fim de verificar que somos interpelados, amiúde, pelos monumentos militares. São os pontos de referência e de circulação da população. Enfim, o olhar cotidiano captura, facilmente, as fortificações, as linhas de defesa, os quartéis e o inflacionamento de ruas nomeadas em homenagem política aos feiticeiros da destruição. São monumentos que indicam a militarização cotidiana, mas o olho vulgar naturaliza e nada vê. Assim, retornar ao final do século XIX,

centrado nos escritos do personagem Friedrich Engels, é, em larga medida, lançar uma pequena chama com a intenção de iluminar a contemporaneidade.

É, em termos epistêmicos, a transformação dos monumentos militares em documentos à ação hermenêutica da História. Isto é, observar o aparato militar com acuidade crítica, como objeto de reflexão e pesquisa. Significa desvendar o modo de destruição moderno como expressão de poder mítico da máquina de guerra. De fato, a leitura dessa máquina belicosa que se espalha pelo território nacional possibilita compreender a natureza totalitária da militarização contemporânea (Virilio, 1982, p.14). Trata-se de enfatizar a profícua abordagem do materialismo histórico aplicado à ciência militar, que marca os traços fundamentais de uma genealogia negligenciada nos meios intelectuais contemporâneos. Numa expressão foucaultiana, integra um esforço hermenêutico com o propósito de apresentação de uma realidade sujeitada.

Nesse diapasão teórico, as respectivas estruturas militares refletem seus fundamentos socioeconômicos, ou melhor, as relações militares de combate são componentes da superestrutura, como a política, a religião, o direito e a cultura. Por certo, a qualidade das tropas reflete o grau de progresso civilizacional da nação (Hunt, 2010, p.252). Os indivíduos no campo de combate, imbricados ao aparato disciplinar, mesmo sob direção dos gênios da guerra, sofrem influência decisiva do desenvolvimento industrial. Há, objetivamente, uma enorme dependência militar dos avanços tecnológicos para travar combate e obter êxito nas guerras contemporâneas.

Mutatis mutantis, é impressionante a equivalência entre as investigações de Karl Marx quanto ao modo de produção capitalista e de Friedrich Engels acerca do modo de destruição militar contemporâneo. Se o pensamento do primeiro ainda é incontornável para compreender o capital, por que o “Segundo Violino” do marxismo não teria a mesma potência propensa a compreender os primeiros passos da máquina de exterminismo militar do tempo presente? A questão está posta aqui na sequência das páginas deste artigo, com a disposição de problematizar a relevância do pensamento seminal do “General de Casaca” quanto ao tema e, também, fomentar a construção de práxis epistemológica atinente à genealogia do aparato militar no quadro do capitalismo avançado, que se estende, dramaticamente, à contemporaneidade. Nesse sentido, o pensamento militar de Friedrich Engels é incontornável à leitura crítica do sangue que escorre da lama das batalhas, especialmente, dos inocentes civis, corpos que agonizam no teatro das guerras obscenas a que hoje assistimos passivamente em nossos écrans.

Assim como Karl Marx – que escreveu *O Capital* enquanto obra universal da ciência moderna – os escritos militares de Friedrich Engels compõem profunda reflexão teórico-militar no que se refere à transformação do modo de destruição contemporâneo. Nessa perspectiva, seus escritos são antes importante potência de ruptura de paradigma epistemológico, como a obra *Origem das Espécies*, do que cabedal estratégico ou doutrinário em prol do socialismo e do proletariado. Obviamente, sem negligenciar e contabilizar o contexto, o volume e a energia intelectual empreendida na sua produção.

Ao contrário do “Primeiro Violino”, o tempo empregado nos assuntos militares foi o de pesquisador diletante. Ele escreveu, *grosso modo*, fragmentos da questão militar para jornais. Contudo, o também identificado afetuosamente como “o Ministro da Guerra de Manchester” teve o mérito intelectual – no limite da vida atabalhoada pelo labor e responsabilidade do homem-de-casaca – de transferir o conceito de guerra ao âmago do materialismo histórico. Ou seja, a partir dos textos de Engels, o combate foi percebido como fenômeno histórico-social e, portanto, objeto de transformação epocal, modo de destruição que acompanha a lógica da produção e reprodução da vida social.

Em suma, se a ideia dominante de uma época é a da classe que detém os meios de produção, a mesma inferência é pertinente ao poder das armas. O exército é a imagem e semelhança do espírito criador da classe dominante, embora transporte a imagem de neutralidade de interesses e, de mesmo modo, disponha da idiosincrasia própria da natureza da guerra moderna. É impossível dissociar a importância do militar como poder imbricado à lógica de ampliação do capital.

Das considerações postas aqui, preliminarmente, é importante deixar evidente a vereda de interpretação e de leitura das fontes apresentadas na presente escrita. Com efeito, se a historiografia está rigorosamente ligada ao tempo imediato da escrita, escrevo após a “Era dos Extremos”, em tempo caótico dominado pelo perigo da extrema-direita e da iminente escatologia nuclear e climática, momento no qual o capitalismo é tardio e o neoliberalismo faz uso de violência simbólica e física com a disposição de prosseguir a espoliação do capital. Logo, escrevo distante da perspectiva revolucionária e do marxismo triunfante, não digito o texto sob o calor revolucionário advindo da estrela solar de 1917. Então, avalio a profícua produção de Friedrich Engels como história social-militar *avant la lettre*, com o propósito de mapear a genealogia da criação do aparelho burocrático-militar que no tempo presente ameaça a sociedade civil.

Dito de outro modo, são escritos valiosos de descrição e análise da formação do modo de destruição militar e de seu duplo impacto na modernidade, isto é, no que diz

respeito à democracia popular e à soberania dos povos. Nessa perspectiva, diferentemente da ciência militar do marxismo-leninismo, não faço diferenciação entre a guerra progressista e a reacionária, instrutivamente, não corroboro o aforismo de que a guerra é a continuação da política de classe (Bottomore, 1988, p. 172). Assim, procuro escapar da dicotomia de existência de guerras justas/injustas visando estritamente compreender o uso da máquina de guerra como parte da forma social dominante. Evidentemente, há guerras assimétricas e lutas justas de povos oprimidos, que pululam ao longo da história do imperialismo, mas minha questão-problema está em outro campo, quer dizer, no esforço de descrição e compreensão dos primeiros passos, no final do século XIX, de transferência da produção industrial em direção à destruição militar tão bem registrada pelo General de Casaca e, conjuntamente, alcançar o processo inicial dessa endocolonização que militariza ordinariamente nosso cotidiano.

2 O GENERAL DE CASACA E A QUESTÃO MILITAR

Friedrich Engels, o insigne “General de Casaca”, merece de início uma breve explicação referente à expressão conceitual destacada entre aspas. Ele irradiava enorme cultura militar, inclusive teve formação de soldado combatente, quiçá é o que explica sua postura cotidiana de arquétipo castrense. Ao longo de sua vida, concentrou parte de seu pouco tempo de labor intelectual no estudo da questão militar. Sua escrita, dialeticamente, circulava entre a gramática de guerra e o materialismo histórico. Nesse sentido, foi o comunista que, de casaca –traje civil-burguês –, elaborou conhecimento na mesma topografia de oficial-general. O cognome afetivo de “O General” dado por Eleonor Marx, em virtude do volume considerável de artigos referentes à questão militar, bem como, por seu temperamento carregado de disciplina castrense, é representativo da abertura de capítulo importante que concerne à história intelectual do “Segundo Violino” do marxismo. Basicamente, utilizo a expressão “General de Casaca” porque ele foi o paisano de casaca que adentrou literalmente de corpo e alma no interior da caserna com o objetivo de registrar que a militarização é a essência niilista da lógica do capital. Fato, sem a pólvora dos canhões abrindo todas as barreiras ao fluxo do capital, o capitalismo não seria a tal “destruição criativa” que indicia o tom revolucionário da modernidade.

Como é comum na biografia funcional de qualquer general, Friedrich Engels, quando jovem, fez escola militar com o desejo de adquirir formação de oficial na arma de artilharia. Todavia, vivia entre dois mundos: o da caserna-escola, na qual aprendia cálculo projetando

manejar canhões e morteiros com precisão, e o do círculo acadêmico dos “jovens hegelianos”. Apesar da admiração juvenil ao vestir uniforme garboso, seu desejo era antes seguir a vida de casaca do que a de soldado profissional (Hunt, 2010, p. 69). Ainda assim, o tempo curto em que viveu na caserna, espaço eminentemente disciplinar que formata corpos, produziu efeito produtivo no que concerne a sua personalidade. Com efeito, a caserna desenvolve marcadores culturais. A formação de oficiais é inclinadamente teórica. O oficial é o cérebro da guerra. É o que explica a escrita do homem de casaca como se estivesse no interior de episteme militar. Além disso, ele igualmente escreve com a sofisticação filosófica do alemão de casaca do século XIX. A riqueza do pensamento militar de Friedrich Engels consiste, exatamente, em compor a *persona* do general de casaca, ou melhor, a de corpo híbrido que habita o entre-lugar. Nesse transitar de mundos, desponta um pensamento inovador atinente à questão militar.

Em minha escrita, mantenho certa distância de duas ideias de absorção imediata que se repetem nas abordagens interpretativas dos textos militares de Friedrich Engels e que estão no livro-tese de Michael A. Boden (2014). A primeira situa-se na leitura dos textos do autor como a de pragmática apresentação de “teoria revolucionária”, quer dizer, a ideia de que sua escrita militar representa, essencialmente, epistemologia de uma “teoria militar socialista” com o propósito de instrumentalizar o proletariado à revolução. De maneira oposta, observo antes a apresentação de ciência histórico-militar com base no materialismo histórico do que manifesto ou manual revolucionário, visto que, em alguns textos, ele mesmo se liberta das ilusões e denuncia o militarismo que domina e devora o século XIX.

A outra ideia da qual me distancio é a de descrição do “Segundo Violino” do marxismo como a de um paisano cativado pelo tema militar, com rápida passagem por educandário castrense. Certamente, tanto Antoine Jomini como Carl Clausewitz – os maiores estrategistas da guerra moderna – tiveram longa formação e experiência militar para pensar e escrever a respeito do tema. Contudo, os escritos militares de Friedrich Engels concentram importante energia quando adicionamos à sua breve formação militar o enorme cabedal intelectual alemão. Ele inova ao utilizar uma leitura social adequada ao fenômeno militar, com base no materialismo histórico. Notoriamente, o conceito de “general” não cabe ao autor, além de metáfora identitária, pois sabemos que o posto de oficial-general demanda longa experiência de vida castrense e saber profissional que somente alcançam os militares de mérito singular. Porém, o espaço de formação castrense, mesmo em temporalidade concisa, impacta poderosamente o processo de subjetivação,

isto é, na construção de personalidade cativada pela disciplina militar. E é nessa perspectiva que avalio os textos do General de Casaca.

Além do exposto, a sociedade do século XIX era formada, em todos os seus níveis de escolarização, pelo modelo de educação jesuítico, ou seja, por educação neomilitar. Até a Primeira Guerra Total do século XX, as lideranças políticas civis possuíam capacidade, em virtude da educação militar estendida aos paisanos, de impor a política civil acima da militar. Conforme Paul Virilio (1982, p.19): “Eles tinham o mesmo poder de análise dos fatos de guerra que os oficiais”. Seguramente, Friedrich Engels não era o único corpo de casaca que arrastava comportamento de oficial-general. Ainda assim, foi inovador ao aplicar o materialismo histórico objetivando compreender o impacto dialético da industrialização no campo de batalha.

A questão militar foi posta como objeto de produção epistêmica. Ele desloca a guerra à complexidade teórica, transcendendo o mero olhar técnico. Desse modo, o estudo da guerra e do progresso militar tornou-se sua segunda área de interesse acadêmico. A ávida leitura de livros de História Militar, comprados da biblioteca de um oficial prussiano da reserva, com a intenção de mergulhar no mar epistemológico castrense, demonstra a adesão intelectual do General de Casaca ao tema militar (Hunt, 2010, p.246). Com efeito, ilustra seu cuidado epistêmico ao adentrar na ciência militar, sem o medo de bancar o idiota paisano. Teve êxito na missão, visto que produziu pensamento militar de valor social, evidenciado com a abertura de espaço de publicação em jornais da Europa e dos Estados Unidos. Certamente, a escrita obtinha adesão dos editores, porque a identidade do autor era antes configurada na imagem do General de Casaca do que no fantasma revolucionário comunista.

Friedrich Engels, ainda no século XIX, conseguiu antecipar e problematizar a questão militar para além do lugar comum, da percepção dos combates como simples descarga accidental e imoral de violência. Da mesma forma, manteve distância da concepção da guerra como política por outros meios. Realizou uma leitura social do fenômeno militar, impondo historicidade ao acontecimento belicoso. Enquadrou a guerra como parte integrante do capitalismo industrial, aplicando o materialismo histórico como ferramenta de interpretação dos eventos belicosos. Esse esforço intelectual teve a finalidade de descrever a amplitude da máquina de guerra como expressão do progresso humano no espaço-tempo.

No mesmo élan dos grandes cientistas modernos, como, por exemplo, Charles Darwin, que não mediu esforços em prol de desvendar o enigma da evolução das espécies,

e de Karl Marx, que refutou duramente o enigma do capital – a mão invisível do mercado – posto pelo liberalismo clássico, o General de Casaca concentrou labor intelectual com a finalidade de compreender o enigma da industrialização da guerra, na contextura epocal que se militarizava completamente. Sem dúvida, foi o primeiro a afirmar que o fenômeno espetacular do desenvolvimento moderno da tecnologia industrial caminhava no mesmo diapasão do progresso da guerra. Em outras palavras, a máquina de guerra posta no território de combate é o resultado crescente da transformação da economia política em economia de guerra.

Da mesma forma, Friedrich Engels prenunciou o diagnóstico da dominação da máquina de guerra sobre o proletariado, bem como esboçou, no limite da disparidade de forças, a via estratégica de superação revolucionária. Diante de potente aparato de destruição, a revolução social somente poderá obter êxito a partir do emperramento interno da máquina de guerra com a destruição do militarismo resultante da força motriz revolucionária do operário-soldado. Em síntese, é da natureza do pensamento marxista a ideia de que a burguesia produz seus próprios coveiros. É o proletariado que irá no futuro realizar a revolução política que superará as contradições do capitalismo. Ele vai enterrar a tardia classe burguesa e com ela as estruturas do capital.

O progresso do capitalismo, com a constante inovação tecnológica, industrial e científica, que se desdobra na superprodução de mercadorias e na ampliação do comércio mundial, carrega no seu próprio interior os germes de sua destruição. Em algum momento – lá adiante na história –, o feiticeiro não terá mais êxito para controlar militarmente a potência infernal de seu próprio feitiço. Exatamente porque a burguesia forjou as armas e os soldados da classe proletária que lhe trarão a morte (Marx e Engels, 1990, p. 71). Assim, o General de Casaca observa a paisagem do capitalismo industrial – com os olhos bem abertos – e transpõe a imagem marxista de revolução proletária para o interior da máquina de guerra com a intenção de direcionar uma saída revolucionária ao militarismo contemporâneo:

Mas esse militarismo traz também em si o germe da sua própria ruína. A concorrência dos diversos Estados entre si obriga-os, por um lado, a gastar mais dinheiro todos os anos com o exército, a armada, os canhões, etc, acelerando cada vez mais a derrocada financeira; por outro lado, a tomar cada vez mais a sério o serviço militar obrigatório e, no fim de contas, a familiarizar todo o povo com o manejo das armas, tornando-o capaz de, em determinado momento, fazer triunfar a sua vontade contra a prepotência do comando militar. [...] Nessa altura, o exército dinástico converte-se em exército do povo; a máquina recusa-se a funcionar, o militarismo perece pela

dialética do seu próprio desenvolvimento. [...] E isso significa a destruição do militarismo por dentro e, com ele, de todos os exércitos permanentes. (Engels, 1981, p.156)

Conforme Pierre Clastres (1977, p.15), a ideia de guerra serve de medida à ideia de sociedade. Nesses termos, a percepção objetiva do uso e abuso da violência nos é pertinente e fértil a partir de sua conexão com a formação socioeconômica dominante. E é na circunferência dessa proposição que se torna relevante a leitura dos textos militares de Friedrich Engels. Quando escreve a respeito do papel da violência na história, utiliza o materialismo histórico com o propósito de compor uma breve história social da violência. A guerra moderna é descrita como representação objetiva do modo de produção capitalista. De forma que há importante relação entre o estágio civilizacional dos povos e seus meios ideológicos e materiais de aplicação da violência. Afinal de contas, as armas não crescem em árvores. São, sobretudo, fruto do estágio de produção e reprodução da vida social. Os homens desenvolvem, amiudadamente, atos de violência, mas dentro de um quadro societal que libera valores morais e objetos materiais de destruição. Há uma historicidade da violência, enfatizada por ele, que deve ser inserida na totalidade da vida social, no modo de produção dominante:

A violência é hoje o exército e a marinha de guerra, e ambos, como todos o sabemos, custam “um dinheiro louco”. Mas a violência não pode fazer dinheiro, quando muito pode saquear o que já está feito — e mesmo isso não serve para grande coisa como, uma vez mais à nossa custa, aprendemos com os bilhões da França. No fim de contas, portanto, o dinheiro tem que ser fornecido por meio da produção econômica; a violência, uma vez mais, é, portanto, determinada pelo estado econômico, que lhe fornece os meios de se armar e de conservar as suas armas. Mas isso não basta. Nada depende mais das condições econômicas prévias do que precisamente o exército e a marinha. Armamento, composição, organização, tática e estratégia dependem, antes de mais nada, do nível atingido em cada caso pela produção, bem como pelas comunicações. Não foram as “livres criações da inteligência” dos generais de gênio que tiveram nesta matéria um efeito revolucionador, mas sim a invenção de armas melhores e a modificação do material humano, do soldado; na melhor das hipóteses, a influência dos generais de gênio limita-se a adaptar o método de combate às novas armas e aos novos combatentes. (Engels, 1981, p.152)

Absolutamente, a questão incontornável ao debate e estudo da guerra posta pelo “Segundo Violino” do marxismo – e que nos possibilita pensar o conflito armado em conexão com a dinâmica das condições materiais da sociedade – consiste na compreensão de que o modo de fazer a guerra diz muito quanto ao modo de produção e reprodução da

vida social. Melhor dizendo, a guerra acompanha o progresso das transformações sociais. Após leitura da monografia *Army*, de Friedrich Engels, em 1857, Karl Marx escreve: “A história do Army realça com mais evidência do que nada a correção de nosso modo de ver a conexão das forças produtivas e das relações sociais” (Marx e Engels, 1982, p. 558). Em suma, os escritos militares de Friedrich Engels são fundamentais porque agregam ao fenômeno da guerra a necessária leitura da realidade do combate como desdobramento da economia política.

Há um modo de destruição que é parte fundamental do modo de produção dominante. Nesse quadro explicativo, a guerra não é apenas a política continuada por outros meios, mas a transferência ao campo de batalha da riqueza humana e tecnológica das nações em combate. Não é tudo. Ela igualmente retorna como força de articulação da sociedade na sua totalidade, isto é, como política de militarização do cotidiano.

Por fim, a descrição de encanto do jovem Friedrich Engels diante da imagem de si no espelho com o uniforme elegante de oficial mantém conexão *pari passu* com o brilho da modernização capitalista que se impunha no século XIX. Ele escreveu à irmã: “Por acaso meu uniforme é muito elegante (...). Asseguro a você que o efeito é muito impressionante e que estou à altura de usá-lo” (Hunt, 2010, p.69). Verdadeiramente, o brilho dos botões do traje militar ofusca e cativa os paisanos, porém o General de Casaca, na maturidade intelectual, escreveu sobre o fenômeno militar sem a beleza e o brilho cativante da ideologia castrense, preferiu o tom cinza da razão crítica, o mesmo utilizado com a disposição de descrever a situação da classe trabalhadora nas fábricas da Inglaterra.

3 A EXPLOSÃO DAS BARRICADAS E A ENDOCOLONIZAÇÃO MILITAR

A segunda metade do século XIX marca a era de consolidação da sociedade do capital, bem como o fortalecimento das lutas político-ideológicas da classe trabalhadora. O mundo burguês cria a si mesmo e, inexoravelmente, seu contrário. A formação da classe dominante como proprietária do Estado e dos meios de produção foi, embora por caminhos diferentes, concomitante à consolidação da luta de classe. O Estado-nação é o que configura o fluxo de poder e legitima uma ordem que se estabelece a fim de suprimir o avanço revolucionário do proletariado. Ele define o conceito de pertença nacional, ou seja, a identidade-cidadã e a cartografia territorial, com base nos preceitos constitucionais de direitos e deveres civis.

Enfim, o Estado-nação é o aparato de repressão e constrangimento político de uma época em que o impulso revolucionário foi completamente transferido ao proletariado. Sua

função é a de conservar a ordem liberal utilizando todos os meios legais, inclusive a máquina de guerra. O proletariado insubmisso passou a ser o inimigo interno (Engels, 2021, p. 405). A partir de então, a explosão das barricadas passou a compor os primeiros passos da endocolonização militar. Trata-se de textura de ruptura conservadora no plano superestrutural e de continuidade revolucionária dos meios tecnológicos de produção.

De fato, a revolução política passou a ser o espectro apavorante. A imagem romântica do revolucionário foi completamente monstrualizada. Ao mesmo tempo, a ideia de progresso tecnológico avançava como uma espécie de espírito absoluto hegeliano, uma meta de liberdade a ser ordinariamente alcançada e estabelecida.

No campo militar, a guerra perdeu seu encanto humano. O espetáculo dos combates conduzidos por heróis foi substituído pelo progresso técnico. As operações militares passaram a ser decididas antes pelo poder da organização e da tecnologia de destruição do que pelo gênio fardado (Hobsbawm, 1997, p. 22). É a transição do exército de patriotas, que nasce da Revolução de 1789, ao aparato da máquina de guerra, espaço altamente disciplinado e subordinado à razão técnico-militar. Isso posto, a sociedade contemporânea na forma Nação-Estado extrapola a função do exército como simples órgão de defesa nacional. De forma concisa, a máquina de guerra – como instituição de aplicação da vigilância para a proteção das fronteiras e de ampliação belicosa da margem territorial – sofre importante inflexão, na qual o Estado-nação engendra e impõe a política de segurança nacional.

Como resultado imediato, o exército se volta contra sua própria população. É a endocolonização, tão bem descrita por Paul Virilio (1982, p.92), que se estabelece quando a máquina da colonização militar retorna com a intenção de conquistar o próprio território nacional. Fenômeno completamente evidente no século XX. Encontramos, porém, nos escritos militares de Friedrich Engels, traços genealógicos que compõe criticamente as primeiras ações militares de endocolonização no território europeu. Imperativamente, os textos demonstram a construção da política de estado de guerra contra os revolucionários e suas barricadas

Eric Hobsbawm (1997, p. 47) condensa a primavera revolucionária do século XIX: “as revoluções de 1848 surgiram e quebraram-se como uma grande onda, deixando pouco para trás, exceto mito e promessa”. A burguesia estava na vanguarda do processo de luta política, mas distante do fervor revolucionário. A classe burguesa optou pela estabilidade social e a conservação do poder de classe. Os meios militares utilizados, visando sufocar a insurreição popular, foram os mesmos das conquistas externas contra o inimigo

estrangeiro. Seguramente, foi a surpresa estratégica da época, que passou a ser a regra geral de defesa nacional.

Friedrich Engels elabora artigo a respeito da Revolução de Junho de 1848, na França, ainda no calor do acontecimento, com o objetivo de descrever as razões da derrota do proletariado em Paris. A nomeação pela Assembleia Nacional do General Louis Eugène Cavaignac em prol da solução militar rápida e eficiente da insurreição inaugura a estratégia de transferência da política belicosa de conquista colonial da Argélia às ruas da capital da França. Aqui é possível vislumbrar a genealogia do poder militar na contemporaneidade. As tecnologias de poder e as armas das nações-impérios, que, repetidas vezes, foram utilizadas contra os colonizados, produziram “efeitos boomerang” dentro do próprio território nacional (Foucault, 1999, p.121). Efetivamente, a República Francesa utilizou de forte poder militar imperial objetivando destruir as forças revolucionárias populares. O texto a seguir – escrito por ele – indicia os primeiros passos da endocolonização contemporânea, a partir da apresentação das razões da vitória de Cavaignac no teatro de guerra, ou melhor, da completa transformação do espaço urbano em campo de batalha militar:

Primeiramente, pela enorme superioridade numérica das tropas que conseguiu usar contra os insurgentes. [...] No dia 24 de manhã já dispunha de mais de 100.000 homens e, à tarde, este número tinha aumentado para mais da metade. Quanto aos insurgentes, tinham no máximo 40 a 50.000 homens! Segundo, pela brutalidade dos meios que utilizou. Até aqui o canhão só tinha sido empregado uma única vez nas ruas de Paris, no Vendimário de 1795, quando Bonaparte dispersou com a metralha os insurgentes na Rua Saint-Honoré. Mas nunca se utilizara a artilharia contra as barricadas, contra as casas, e ainda menos se pensara em obuses e nos foguetes incendiários. O povo ainda não estava preparado, não tinha defesa contra isso [...]. O povo ainda não tinha dado conta de que em plena Paris se podia fazer guerra como na Argélia. É por isso que recuou, e seu primeiro recuo trouxe a sua derrota. (Engels, 2021, p. 40)

Sem dúvida, o espaço urbano é o de produção e circulação de mercadorias e capital, mas é, conjuntamente, o de defesa e conquista de uma classe ou nação sobre outra. É no coração do território nacional que a riqueza é produzida e os combates são definidos. A derrota e a vitória são o resultado de combates, palmo a palmo, no interior das vias urbanas. As revoluções políticas e as guerras contemporâneas têm sua historicidade imbricada às cidades do capital. O território urbano, em larga medida, é, concomitantemente, espaço habitado por uma massa de gente pobre e, na maioria dos casos, a sede do poder político (Hobsbawm, 2003, p. 221).

Diante do exposto, a cidade é espaço sensível à tensão social. É por isso que os projetos de modernização urbana e de renovação das cidades seguem no limite da luta de classe, como a de Paris de Luís Felipe, que prometera ao povo da cidade “água, ar e sombra” e à burguesia uma cidade segura de insurreições com a aplicação da política de alargamento das ruas e de ampliação da máquina de guerra. Ademais, incrementando a modernização urbana, entre 1848 até 1853, com a prefeitura de Paris nas mãos de Haussmann, ocorreu uma mudança espetacular com as obras de embelezamento da cidade e a construção de avenidas iluminadas (Pesavento, 1999, p. 57-58).

O belo encanta e cativa. A cidade-luz é uma cidade à luz, iluminada a fim de intensificar o fluxo de capital e de trabalhadores nas suas artérias dilatadas, assim como subtrair a possibilidade de uso tático das barricadas. Isso significa impossibilitar a deflagração de insurreição nos espaços opacos da cidade. Portanto, a moderna cidade do capital, aquela que irradia beleza, cultura e civilização, também é a cidade militarizada, que protege a burguesia de seu perigoso *alter ego*, o proletariado rebelde.

A derrota das insurreições foi igualmente a de destruição de território urbano construído na luta contra o capital. Foi uma derrota de classe. A modernização das cidades desdobra uma política arquitetônica de conquista burguesa. As barricadas não foram apenas uma tática de obstrução do capital com função meramente defensiva, mas, essencialmente, a formação de um novo território de resistência revolucionária (Virilio, 1976, p. 84). A explosão das barricadas – por meio de uso e abuso da máquina de guerra – concretamente representou a desmobilização das massas e o desencantamento ideológico da imagem heroica dos revolucionários.

Entre 1848 e 1871, o poder do capital avançou rapidamente. Foi o tempo de supressão do calor revolucionário moderno e do último suspiro emancipatório do século XIX. Paradoxalmente, a consciência de classe do proletariado avançou no mesmo processo de consolidação do Estado-nação como aparato da classe burguesa com a disposição de conservar a ordem estabelecida. O *Manifesto Comunista* e a *Origem das Espécies* dessacraliza a utopia socialista e o barro da criação. São obras que exigiram dos homens “olhos bem abertos” com a disposição de compreender as rápidas transformações da modernidade capitalista.

No mesmo passo, os textos de Friedrich Engels são documentos que registram, do ponto de vista político-militar, a explosão das muralhas da luta de classe do proletariado. Na introdução à obra de Marx *Luta de Classe na França*, ele descreve a progressão dos combates de classe em contexto de ampla militarização do social e de utilização da

máquina de guerra contra as barricadas revolucionárias. Importante síntese dessa época. Assim dizendo, descreve o militarismo triunfante, momento de utilização das armas militares de colonização no interior do próprio território nacional para combater o proletariado insubmisso.

O “Segundo Violino” do marxismo demonstrou que a Comuna de Paris de 1871 não foi apenas evento de ruptura política, de emergência de revolução eminentemente proletária. De igual modo, foi o acontecimento da ruptura militar com o passado. A rebelião tradicional marcada pelo combate de civis revolucionários – a partir das barricadas que persistiram até 1848 – foi atropelada pelo progresso da cidade do capital. De tal forma que a repressão do Estado Francês aos revolucionários da Primavera dos Povos representou aplicação de força militar em estágio infantil quando comparada às forças militares de destruição empregadas em oposição à comuna rebelde de Paris.

Assim, a primeira autêntica revolução proletária marcou, também, a imensa dificuldade de vitória em face às forças armadas modernas sob a égide do Estado-nação. Sem a conquista moral dos soldados que compõem o exército regular – com o intuito de desmobilizar a máquina de guerra burguesa – a vitória é impossível. De modo sucinto, o militarismo somente pode ser derrotado por dentro, com as armas da política de classe do proletariado. Então afirma:

Não tenhamos ilusões a este respeito: uma verdadeira vitória da insurreição sobre as tropas do combate de ruas, uma vitória como na batalha entre dois exércitos é uma coisa das mais raras. [...] Mesmo com tropas numericamente inferiores, a vitória pertence à superioridade do equipamento e da instrução, à direção única, ao emprego sistemático das forças armadas e da disciplina. (Engels, 1981, p.175)

Efetivamente, as barricadas representavam antes valor simbólico do que estratégico no bojo da luta de classes. O bloqueio das vias públicas compunha tática de curta duração e de impacto político-econômico, visto que paralisava o fluxo de capital e de trabalhadores. Além disso, carregava importante potência imaginária de outra modernidade possível. Elas concentravam os desejos utópicos do socialismo. No entanto, como tática de combate foram insuficientes à garantia de vitória prolongada nas ruas.

Mesmo na época de efervescência do combate nas ruas, a barricada tinha efeito mais moral do que material. Era meio tático com a disposição de resistir no espaço-tempo e quebrar, momentaneamente, a firmeza dos soldados. Além do que, o avanço da ideologia burguesa subtraiu a positividade popular das barricadas. A imagem monstruosa do

bloqueio, criada pela burguesia, conquistou a consciência nacional. Enfim, o valor simbólico das barricadas perdeu seu poder de encanto popular. Os soldados do exército, ao combater as barricadas, aplicavam violência sem freios, pois a ideologia dominante transformou os combatentes do proletariado em rebeldes, agitadores, saqueadores, vadios, ou seja, no pior da sociedade (Engels, 1981, p.176-177).

O Segundo Império na França marcou uma contextura de criação de Estado Policial Autoritário, de modo que a vigilância e o controle sobre a população abarcavam todo o território nacional (Harvey, 2003, p.142). O Estado foi constituído como um enorme panóptico. Desde então, as ruas foram pacificadas e imunizadas do vírus da revolução popular. Friedrich Engels destaca a impossibilidade de êxito na luta de conquista das ruas diante da completa assimetria de forças. A máquina de guerra, a partir da segunda metade do século XIX, domina e controla as vias públicas. O Estado construiu avenidas para aumentar o fluxo de circulação de capital e trabalhadores e, essencialmente, dificultar a formação de barricadas. Ademais, a produção industrial de armamento mais potente e preciso foi completamente monopolizada pelo Estado-nação. Portanto, sem a alteração dessa realidade, não há paridade de armas, o combate nas ruas não alcançará a vitória. Trata-se de inferência militar, o General de Casaca subtrai a paixão revolucionária, visando inserir o campo estratégico no contexto da luta de classes. Ele apresentou friamente a questão:

Isso quer dizer que no futuro o combate de ruas já não desempenhará qualquer papel? De modo nenhum. Isso quer dizer somente que desde 1848 as condições se tornaram bem menos favoráveis para os combatentes civis, e muito mais favoráveis para as tropas. Um combate de ruas só pode ser vitorioso no futuro se essa inferioridade de situação for compensada por outros fatores. (Engels, 1981, p.178)

A Comuna de Paris, consoante David Harvey (2003, p.302), foi um evento singular, único e dramático. O desespero e a humilhação da derrota do Estado francês na guerra franco-prussiana reacenderam a fagulha da revolução. Ainda hoje configura-se como a primeira e única revolução de caráter eminentemente civil e proletário. A guerra do povo contra o Estado-nação. Ela foi uma revolta social que recusou a militarização da luta. Majoritariamente, os revolucionários refutaram a transformação da luta popular em máquina de guerra.

Quando generais integrantes da Comuna de Paris propuseram a guerra popular, os revolucionários mantiveram a posição de continuidade da guerra do povo, uma guerra civil

e republicana, sem a militarização da estratégia e a condução do conflito na direção de uma guerra industrial (Virilio, 1982, p. 102). Decisivamente, os revolucionários de Paris transformaram a imaginação socialista em luta concreta. Ela é singular, sem paralelo histórico, mas igualmente dramática, quando mensuramos sua breve durabilidade frente à descarga de destruição e violência utilizada contra suas frágeis fortalezas de defesa.

Com efeito, o avanço do modo de produção capitalista também representa a ampliação das formas de destruição. Instrutivamente, impacta no aprimoramento da máquina de guerra. Há um modo de destruição, de produção industrial de violência, que está sob a égide do Estado e, conseqüentemente, produz e reproduz a regulação e o controle da vida social. Friedrich Engels compreendeu o quão complexa é a questão militar no capitalismo. Ela extrapola a margem da defesa nacional contra o inimigo externo. A militarização do social é, de igual modo, a política de defesa do Estado com o propósito de salvaguardar o fluxo do capital e inviabilizar a luta de classe como combate belicoso. A explosão das barricadas representa o êxito da marcha das tropas fardadas como aparato de defesa do Estado-nação, sem qualquer obstáculo de resistência civil. O General de Casaca descreve o progresso da máquina de guerra com a precisão de artilheiro:

Muitas coisas se modificaram e todas a favor dos soldados. Se as grandes cidades tomaram uma extensão considerável, os exércitos cresceram ainda mais. Essas guarnições podem mais que duplicar em vinte e quatro horas graças às estradas de ferro, e crescer, até se tornarem em gigantescos exércitos, em quarenta e oito horas. O armamento dessas tropas enormemente reforçadas é incomparavelmente mais eficaz. Em 1848 era o simples fuzil de percussão, hoje é o fuzil de repetição de pequeno calibre que atira quatro vezes mais longe, dez vezes mais certamente e dez vezes mais depressa que o primeiro. Antigamente, eram as balas e os obuses de artilharia relativamente pouco eficazes; hoje, são os obuses de percussão de que basta um único para derrubar a melhor barricada. (Engels, 1981, p. 177)

Stricto sensu, a insurreição popular depende de três aspectos presentes na estrutura da cidade: a possibilidade de mobilizar e arrastar os pobres para a luta, a vulnerabilidade do centro administrativo de poder e a facilidade de resistência à repressão do Estado (Hobsbawm, 2002, p. 222). Esses itens estão entrelaçados, e a política de modernização das cidades do capital procurou alterar favoravelmente o espaço urbano ambicionando criar meios sociais e tecnológicos de defesa da cidade contra o inimigo interno. Na sequência, Friedrich Engels descreve o conjunto de desvantagens políticas, tecnológicas e espaciais que tornaram a guerra do povo obsoleta. Em substância, a crescente urbanização

transformou as cidades em local de concentração de massa de afetos diversos, o que dificulta a simpatia e a adesão geral das camadas populares. As armas de fogo utilizadas pelo proletariado eram de tiro curto, insuficientes ao enfrentamento do exército nas ruas. A criação da guerra industrial, com a presença de armas potentes e precisas, de alto valor monetário, concentraram a aquisição, exclusivamente, nos agentes de repressão estatal. E, finalmente, o espaço urbano foi transformado em proveito do livre trânsito da máquina de guerra nas vias públicas. Eis a descrição:

Do lado dos insurretos, pelo contrário, todas as condições se tornaram piores. Dificilmente se produzirá uma insurreição que tenha a simpatia de todas as camadas do povo; na luta de classes todas as camadas intermédias não se uniram nunca, sem dúvida, de um modo exclusivo ao proletariado para que em contrapartida, o partido reacionário unido à burguesia desapareça quase por completo. [...] As espingardas de caça e de luxo dos armeiros — mesmo se a polícia não as inutilizou previamente tirando qualquer peça do mecanismo — estão, mesmo na luta a curta distância, longe de se igualar com o fuzil de repetição do soldado. Até 1848 podia-se fabricar em casa, com pólvora e chumbo, as munições necessárias, hoje, o cartucho é diferente para cada fuzil e em toda a parte o único ponto comum que tem, é o de ser um produto da técnica da grande indústria que, por conseguinte, não se pode fabricar de improviso; a maioria dos fuzis são assim inúteis desde que não se tenham as munições que lhes convêm especificamente. Finalmente, os quarteirões construídos desde 1848 nas grandes cidades têm ruas longas, direitas e largas, parecendo especialmente adaptadas aos efeitos dos novos canhões e dos novos fuzis. (Engels, 1981, p. 177-178)

A explosão das barricadas, em leitura estritamente político-militar realizada por Friedrich Engels, marca o esgotamento e o limite da possibilidade de insurreição popular no âmago da urbe do capital. Ao mesmo tempo, sublinha o deslocamento da máquina de guerra colonial, altamente eficiente e destrutiva, à pacificação da sociedade civil. O Império é a paz, afirmava Napoleão III. De fato, a França – outrora paradigma da revolução política emancipatória – no século XIX, concentrou em si, o seu oposto, a imagem moderna da repressão e do extermínio aos movimentos populares, principalmente, à Comuna de Paris. Ela transformou-se no panóptico da regulação e vigilância burguesa, o Estado que aplicou eficientemente a política de endocolonização. Taxativamente, a França transferiu a máquina de guerra, utilizada na colonização da Argélia, para o interior do território nacional a fim de colonizar sua própria população.

4 A GENEALOGIA DA GUERRA TOTAL

Por certo, a Guerra Total é um fenômeno complexo e ruptural do século XX, mais precisamente referente à Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Ela foi a primeira guerra, verdadeiramente, técnica na Europa. A partir de então houve uma rápida revisão da economia de guerra, ou seja, a sobreposição e a subordinação completa da produção à destruição militar (Virilio, 1982, p. 19-20). Contudo, é possível verificar o esboço inicial da formação do fenômeno no final do século XIX, principalmente por meio da espetacular transformação do combate na Guerra Civil Americana (1861-1865). Nesse sentido, Friedrich Engels carrega importante aporte intelectual quanto à genealogia do fenômeno.

Efetivamente, por volta de 1870, emerge, rapidamente, uma economia de guerra. Países como Inglaterra e França realizaram investimentos expressivos na máquina de guerra, com o desenvolvimento de artilharia naval e de navio de guerra que adentra no século seguinte, quando há clara percepção de que a guerra é antes técnica do que estratégia, ou melhor, antes economia de guerra do que política.

O conceito de Guerra Total corresponde ao progresso industrial do modo de destruição militar. Marca o tempo em que a guerra de massas absorve completamente a economia política. Ela passa a ser submetida à logística militar. De modo substantivo, a Guerra Total é quando o potencial cognitivo e material de uma nação – as forças vivas nacionais – é totalmente transferido à produção de destruição em tempo de paz e de guerra (Virilio, 1982, p.25). É nesse contexto que nasce, da lógica de produção industrial, o modo de destruição militar.

Da mesma forma que, no final do século XVIII, houve uma revolução nos meios de produção com o advento da indústria, no final do século seguinte, já é possível apontar a genealogia do modo de destruição militar. Isto é, a presença de coerência significativa entre o progresso industrial e o militar. A profunda identidade entre produção e destruição (Virilio, 1982, p.101).

Friedrich Engels acompanhou atentamente a transformação dessa realidade, quando o poder militar e a militarização alteraram o quadro revolucionário. As barricadas foram superadas em tempo breve pelo alargamento das vias públicas e pela utilização da máquina de guerra contra a classe insubmissa. A luta de classe, expressa no combate beligerante, tornou-se inviável, porque a máquina de guerra, como modo industrial de destruição, passou a representar a fortaleza inexpugnável de aço antirrevolucionária.

A percepção de Carl Clausewitz da guerra como continuação da política apresentada nas primeiras décadas do século XIX compõe laços com a existência da saudosa “guerra verdadeira”, sublinhada por Friedrich Engels. Em substância, a guerra toma outra

perspectiva com o incremento do capitalismo industrial. O conceito de guerra do estrategista prussiano traduzia o contexto de compromisso político e diplomático dos Estados e o respeito aos tratados assinados. Contexto em que a guerra correspondia simplesmente à imposição da vontade política por meios belicosos. Enfim, pressupunha-se que as guerras tivessem início e fim com traços objetivos (Keegan, 2006, p. 21).

Entretanto, em poucas décadas do mesmo século, a guerra sofreu uma importante mutação. A ponto de perder-se completamente qualquer recordação de uma guerra verdadeira. Decerto, as guerras da Crimeia, da Itália e da Prússia contra a Áustria representaram conflitos belicosos mediados por interesses políticos que cessaram após esgotamento dos mecanismos militares e mediante assinatura de tratados com bases em princípios civilizacionais (Engels, 1981, p.110). Em suma, as guerras foram tomando outro horizonte, compondo a forma de Guerra Total, quando o combate extravia a política de seu propósito final e a guerra passa a ser o inferno na terra, na qual os exércitos não demonstram qualquer respeito moral e ético aos seus inimigos. Em poucas décadas, entre o aforismo de Clausewitz e a Primeira Guerra Mundial, a história militar toma outro rumo, tão bem descrito pelo historiador John Keegan:

Em 1818 quando Clausewitz começou o manuscrito de Da guerra, a Europa era um continente desarmado. O grande exército de Napoleão se dissolvera depois de seu exílio em Santa Helena e os de seus inimigos tinham minguado proporcionalmente. O recrutamento em larga escala tinha sido efetivamente abolido em todos os lugares, a indústria de armas entrara em colapso, os generais tornaram-se pensionistas, veteranos esmolavam nas ruas. Passados 96 anos, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, quase todo europeu qualificado do sexo masculino em idade militar tinha uma carteira de identidade militar entre seus papéis pessoais, informando onde apresentar-se em caso de mobilização geral. Os almoxarifados dos regimentos estavam abarrotados de uniformes e armas sobressalentes para os reservistas; até mesmo os cavalos nos campos das fazendas estavam listados para serem requisitados em caso de guerra. (Keegan, 2002, p. 43-44)

O combate é o coração da guerra. Foi exatamente o âmago da máquina de guerra que sofreu significativa mutação. A logística militar avançou drasticamente sobre a economia política. De tal forma que se constituiu um modo de destruição militar que alterou a essência dos combates contemporâneos. A historiografia militar sublinha como primeiro combate de fato total a Guerra Civil Americana. Com certeza, a capacidade e a complexidade da indústria bélica europeia e americana que surgem a partir da segunda metade do século XIX não carregam paralelo com o passado moderno. Os Estados Unidos,

país industrializado menos militarizado nas primeiras décadas desse século, tomaram rápida consciência a respeito da inexorável relação entre o avanço civilizacional industrial e a expansão da militarização visando formar uma grande nação. Foi a guerra civil do Sul contra o Norte que provocou a demanda de mobilização total da sociedade. Friedrich Engels descreve a baixa organização militar ao deflagrar o conflito beligerante:

A América – tanto do Norte como do Sul, tanto a Federação como a Confederação – não dispõe, por assim dizer, de nenhuma organização militar. O exército regular era absolutamente insuficiente, mesmo somente do ponto de vista quantitativo, para entrar em campanha contra um adversário sério. [...] As guerras precedentes da União nunca exigiram um grande esforço das forças militares do país. [...] Mas, a partir do momento em que a guerra civil opõe mais de um milhão de combatentes, todo o sistema se desmorona e é preciso recomeçar. (Engels, 2020, p.155)

Ou seja, os dois exércitos estavam completamente despreparados para o conflito contemporâneo. O desdobrar dos eventos belicosos arrastaram os Estados Unidos, acima de tudo o exército do Norte, na direção da Guerra Total. Representou, peremptoriamente, a industrialização da guerra, com impacto de 620 mil mortos, volume maior do que a soma de norte-americanos mortos nas duas guerras mundiais, na Coreia e no Vietnã (Keegan, 2006, p. 452-453). Em síntese, a Guerra Civil Americana antecipa a mutação militar contemporânea, isto é, quando toda a estrutura logística civil passa a produzir a destruição em massa, sem afetar, essencialmente, o fluxo de produção e reprodução do capital.

O monstro da Guerra Total, objetivamente, não nasceu do nada, sem laços genealógicos com o passado. Os conflitos beligerantes na América do Norte, de forma emblemática, são os pais das guerras de massa. Ainda hoje, a Guerra Civil Americana registra volume considerável de mortes na história militar contemporânea, em decorrência da mobilização total de soldados à indústria de destruição (Hobsbawm, 1995, p. 51).

Do conjunto de artigos escritos por Karl Marx e Friedrich Engels sobre a Guerra Civil Americana, o “Primeiro Violino” do marxismo foi responsável por lançar uma abordagem político-econômica concernente ao evento militar, enquanto o “Segundo Violino” concentrou-se no fenômeno militar. Ainda assim, a leitura do conflito de Friedrich Engels extrapola a simples visão castrense dos combates, à medida que apresenta avançada metodologia para uma história social da guerra. Ele pontua com precisão intelectual a relação entre o estágio de desenvolvimento americano e as inovações singulares das tropas no teatro de guerra.

Concisamente, elabora uma visão dialética seminal entre a produção social e a destruição militar como fenômeno geral, que marca a lógica da moderna sociedade capitalista, a partir da seguinte reflexão: “Era de se esperar, dado o espírito inventivo do país e o alto nível técnico da engenharia estadunidense, que a Guerra Civil Americana acarretaria grandes avanços, iniciando uma nova época da técnica armamentista” (Engels, 2020, p. 158).

De fato, Friedrich Engels pensava em termos estratégicos, ou melhor, de forma político-militar. Ele teve acuidade intelectual para acompanhar as transformações no campo de batalha e seu deslocamento para o interior da política de contenção burguesa das insurreições proletárias. O século XIX foi o de consolidação do capitalismo contemporâneo e ampliação da economia-mundo com a formação de nações-império. Logo, a expansão do mercado mundial demandou rápida transformação no modo de destruição militar. A produção e reprodução de capital está imbricada dialeticamente ao processo de produção de destruição em escala local e global. Portanto, o rigor e a racionalidade instrumental, inerentes às relações de produção capitalista, também estão presentes na forma social de organização dos exércitos e da guerra.

A leitura crítica do General de Casaca acerca dos combates na Guerra Civil Americana agrega elementos fundamentais que compõem a descrição da transformação da máquina de guerra na moderna sociedade industrial. Ele compreendeu a existência de significativa mudança no decorrer dos combates em solo americano, do modo de destruição militar, que *avant la lettre* contribui para a identificação da genealogia da Guerra Total.

Friedrich Engels observou a guerra atentamente com a intenção de auferir lições de ruptura no quadro das sociedades capitalistas avançadas. A rápida transformação das formas de produção e organização da guerra americana decorre de seu espírito modernizante. A industrialização da guerra transforma operários em soldados e engenheiros em oficiais de combate. A modernização dos exércitos corresponde ao incremento da profissionalização dos combatentes, isto é, à completa militarização da sociedade civil. Desde então, a guerra somente pode ser travada e conduzida com êxito por exércitos profissionais.

A máquina de guerra forjou no século XIX uma estrutura cognitiva de formação militar capaz de, em pouco tempo, transformar o corpo civil em combatente. Ele enfatiza a relevância da existência de exército moderno e profissional apropriado às guerras contemporâneas. Os corpos civis somente podem auxiliar o combate quando são

absorvidos pela corporação militar, para que, a partir de treinamento e disciplina, possam contribuir como soldados no teatro operacional. Segundo suas palavras:

Nenhum exército recentemente formado de civis pode ser eficaz, se não for apoiado e ajudado por valiosos recursos intelectuais e materiais que se encontram nas mãos de um exército regular relativamente forte, sobretudo quanto à organização, essa força principal dos exércitos regulares. (Engels, 2020, p.155-156)

Indubitavelmente, no final do século XIX, a estatização da máquina de guerra já está avançada sob a égide do Estado-nação. Friedrich Engels cita o caso inglês como estágio superior desse processo de construção de máquina de guerra. A estatização dos meios de violência de combate tem capacidade imediata para transformar civis em soldados disciplinados e bem treinados, além da convocação de oficiais da reserva com o propósito de comandar os batalhões de voluntários. Entretanto, os Estados Unidos, antes do entardecer da guerra civil, compreenderam que as nações completamente modernas devem ser dotadas de aparato militar regular e de massa. Assim, no calor das batalhas, os americanos inverteram totalmente sua frágil condição militar, ultrapassando o grau de militarização europeu. Ao longo da guerra, a União teve que formar um exército de massa condizente com seu tamanho industrial e sua pretensão de expansão territorial, de forma que a transformação de exército precário e débil cedeu lugar à poderosa máquina de guerra moderna. A Guerra Civil Americana antecipa os conflitos do século XX, esboçando a destruição de massa no mundo contemporâneo. Em observação atenta, ele afirma:

Seja de qual ponto de vista a consideremos, a Guerra Civil Americana oferece um espetáculo sem paralelos nos anais da História das guerras. A extensão incomensurável do território em disputa; o amplo fronte das linhas em operação; a massa numerosa de exércitos hostis, cujo surgimento dificilmente se deixa atribuir a uma base organizatória anterior; os custos fenomenais dos mesmos exércitos, mais o tipo de liderança e princípios gerais, táticos e estratégicos pelos quais a guerra está sendo levada a cabo — tudo isso é novo aos olhos do observador europeu. (Engels, 2020, p. 34).

Em texto escrito em fevereiro de 1893, Friedrich Engels sintetiza sua análise a respeito do progresso do modo de destruição contemporâneo. Ele explora a situação-limite das armas nas nações industrializadas, contextura de significativo deslocamento da riqueza social na direção da máquina de guerra. Esboça a fabricação total da destruição. Melhor dizendo, apontou para o desdobramento imediato de uma guerra geral com extermínio de massa e o enorme peso do fardo militar sobre a economia civil (Engels, 2021, p. 405).

A descrição dramática do General de Casaca compõe documento fundamental à compreensão da Guerra Total ainda na sua genealogia. Isso graças à percepção sensível da ação dos germes perniciosos do militarismo e da endocolonização que contaminaram o corpo social do século XIX. Dessa forma, a mutação da guerra, tão evidente no século XX – como fenômeno patológico –, foi preliminarmente diagnosticada pelo “Segundo Violino” do marxismo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao acompanhar a trajetória da vida intelectual de Friedrich Engels e Karl Marx, sem muito esforço, percebe-se que o tema militar, mesmo ao escrever a quatro mãos, foi seguramente inserido pelo General de Casaca no marxismo. A observação sensível do fenômeno militar – que contabiliza produção e destruição como duas faces da mesma moeda no processo de modernização capitalista – foi obra de labor crítico-reflexivo do “Segundo Violino”. Desde o *Manifesto Comunista*, de 1848, ainda na juventude, ele percebe que o avanço da industrialização contemporânea se insere, dialeticamente, como modelo de organização militar. Em linha condensada, a indústria produz destruição militar em massa e o militarismo disciplina, massifica e sujeita os operários na fábrica. De forma que o manifesto registra: “Massas de operários, aglomeradas nas fábricas, são organizadas militarmente. Como simples soldados da indústria, são postos sob a vigilância de uma completa hierarquia de suboficiais e oficiais” (Marx e Engels, 1990, p. 73). Instrutivamente, a industrialização da guerra foi precedida pela militarização da produção, pois corpos produtivos são, também, disciplinados e dóceis. O modelo de sociedade militar passa a ser o da vida social em sua totalidade.

Em substância, há uma história da militarização na sociedade contemporânea que temos que tributar, em larga medida, à percepção de Friedrich Engels. A era da industrialização geral nas sociedades modernas é, de igual modo, a de produção de combate em escala industrial. Ele visualizou que o progresso da indústria carregava, dialeticamente, o contrário da produção de mercadoria, ou melhor, a destruição na mesma escala de acumulação do capital.

De modo sumário, o desdobramento das novas tecnologias de guerra impacta para além de sua materialidade destrutiva, pois afeta profundamente as estruturas ideológicas da política. Em consequência, é necessária profunda identidade nacional, quer dizer, patriotismo, a fim de poder com coragem adentrar na máquina infernal de destruição industrial posta no teatro de guerra. Quando escreve acerca do papel da violência na

história afirma: “A indústria é a indústria, dedique-se ela à produção ou à destruição de objetos” (Engels, 1981, p. 152). A introdução de novas tecnologias de guerra transforma não apenas o modo de destruição militar como também a luta de classes, as relações entre nações e suas formas de sujeição internacional. Isto é, a explosão das barricadas e a industrialização da guerra resultam do mesmo processo de modernização capitalista.

O progresso das sociedades modernas eleva o desenvolvimento da tecnologia e altera a forma de organização dos exércitos e de sua estratégia de combate, que passa a ser condizente com a logística disponível. Dito de outra forma, na modernidade, o aumento da capacidade de produção é proporcional ao de destruição. Em movimento dialético, a destruição militar impacta e é impactada pela indústria. Desse imperativo relacional, constitui-se outra subjetividade social, na qual a sociedade dispõe, em prol de uso no teatro de guerra, de indivíduos com qualidade profissional à altura da realidade material disponível.

Nessa linha de pensamento, são as condições materiais e imateriais que, dialeticamente, forjam a composição real da máquina de guerra. Afinal, somente é possível imaginar estratégias e táticas de combate a partir da produção e reprodução da vida social. Imperativamente, o espírito que orienta e planeja a guerra no interior do cérebro dos generais é fruto de condições dadas e objetivas, advindo de árvore com raízes profundas na produção epocal de social realmente existente. Friedrich Engels descreve a relação de dependência na modernidade entre produção e destruição social com as seguintes palavras:

A organização e o método de combate dos exércitos, e, portanto, a vitória e a derrota, se mostram dependentes das condições materiais, ou seja, econômicas, do material humano e do armamento, portanto, da qualidade e da quantidade da população, bem como a técnica. [...] Os progressos da técnica, quando aplicáveis e aplicados no domínio militar obrigavam de imediato, e quase pela força, a alterações e mesmo a transformações radicais no método de combate, muitas vezes contra a vontade do comando do exército. (Engels, 1981, p. 157)

Quando escreveu sobre a situação militar na França, no contexto da Guerra franco-prussiana, destacou que a capacidade militar para o conflito é mensurada pelo grau importante de industrialização do país. Precisamente, porque ocorreu na França a ampliação – ao teatro de guerra – das técnicas e das tecnologias da produção industrial, assim como a absorção da caserna dos corpos disciplinados e proletarizados no espaço de produção de mercadorias. Com efeito, o motor da mutação à nova formação social belicosa passa inexoravelmente pela economia-mundo industrial.

É o progresso industrial que produz o exército de reserva que amplia mais-valia e, conjuntamente, o efetivo militar. Ademais, moderniza as vias de circulação de transporte, de comunicação e a produção dos armamentos de guerra. De forma que, segundo o General de Casaca: “Existem mais homens que o necessário; graças aos recursos da indústria contemporânea e à rapidez dos modernos meios de comunicação, os armamentos chegam em quantidades inesperadas; [...] com uma rapidez nunca vista até hoje” (Engels, 1981, p. 108).

Em realidade, a transformação da organização do exército contemporâneo sob o impacto do progresso industrial não se limitou ao poder destrutivo, igualmente representou alteração no *ethos* militar. A história da violência das guerras alterou-se completamente, de tal forma que se degenerou a memória da essência de uma guerra verdadeira. Em temporalidade curta, de algumas décadas do século XIX, os valores diplomáticos e militares romperam com a tradição da guerra como política por outros meios. Ocorreu uma importante mutação militar, captada por ele nas seguintes palavras:

O fato é que se perdeu totalmente qualquer recordação de uma guerra verdadeira. As guerras da Criméia, da Itália e da Prússia contra a Áustria não eram todas senão guerras inteiramente de acordo com as guerras de governos que assinavam a paz logo que os seus mecanismos militares se avariavam ou se desgastavam. Uma verdadeira guerra, aquela em que participa apropriada nação, não a vemos em toda a Europa já faz algumas gerações. (Engels, 1981, p. 110)

Das considerações aqui apresentadas – leitura do ponto de vista político-militar dos escritos de Friedrich Engels – é possível inferir que o modo de produção capitalista, concomitantemente, desdobra seu oposto, isto é, compõe modo de destruição militar que atua sobre a indústria e absorve sua lógica produtiva. O General de Casaca – corpo híbrido que conjuga a visão estritamente castrense de oficial-general e a sofisticação intelectual da filosofia alemã – direcionou parte significativa de seus escritos para compreender a ruptura societal na arte de produção e reprodução da guerra. Após a Guerra Civil Americana, o combate militar toma o rumo da Guerra Total. Ela inova significativamente a arte da guerra. Trata-se de Estado-nação com aparato militar industrial e tropa composta por soldados disciplinados e treinados à guerra dos tempos modernos.

Desde então, a imagem dominante do patriota não é mais a do revolucionário de 1789, mas a do soldado identificado com a nação. Adentra-se no mundo militarizado, em que o poder de destruição militar, por seu alto custo, concentra-se no Estado, e o exército

passa a estender ideologicamente seus valores ao corpo social. De modo conclusivo, a formação da identidade nacional passou a ser projetada por homens fardados. Conforme o “Segundo Violino” do marxismo: “o exército tornou-se o fim principal do Estado – um fim em si: os povos só existem para fornecer soldados e alimentá-los. O militarismo domina e devora a Europa” (Engels, 1981, p. 156).

Hoje, sem dúvida, o militarismo domina e devora a economia-mundo. Eis aqui o ponto de vista estritamente civil-militar, que – com profunda acuidade – foi antecipado por ele e deve ser, de modo imperativo, retomado no nosso século.

REFERÊNCIAS

- BODEN, Major Michael. **First Red Clausewitz: Friedrich Engels And Early Socialist Military Theory**. Amazon: Kindle, 2014.
- BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- CLASTRES, Pierre, et al. **Guerra, Religião, Poder**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- ENGELS, Friedrich. **Escritos Militares**. São Paulo: Baioneta, 2021.
- ENGELS, Friedrich. O Papel da Violência na História. In: MARX, Karl, ENGELS, Friedrich & LENIN, Vladimir. **Escritos Militares**. São Paulo: Global, 1981.
- ENGELS, Friedrich. **Temas Militares**. Buenos Aires: Cartago, 1974.
- FOUCAULT, Michel. **Em Defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- HARVEY, David. Paris, **Capital of Modernity**. New York: Routledge, 2003.
- HOBSBAWM, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- HOBSBAWM, Eric. **A Era do Capital (1848-1875)**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- HOBSBAWM, Eric. **Revolucionários**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.
- HUNT, Tristram. **Comunista de Casaca: A Vida Revolucionária de Friedrich Engels**. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- KEEGAN, John. **Uma História da Guerra**. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Escritos Sobre a Guerra Civil Americana**. Londrina: Peleja, 2020.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich; LENIN, Vladimir. **Escritos Militares**. São Paulo: Global, 1981.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O Imaginário da Cidade: Visões Literárias do Urbano**. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- VIRILIO, Paul. **Guerra Pura: A militarização do Cotidiano**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- VIRILIO, Paul. **Essai Sur L'insécurité du Territoire**. Paris: Monde Ouvert, 1976.

NOTAS

HISTÓRICO

RECEBIDO: 01/09/2025

APROVADO: 27/10/2025

PUBLICADO: 16/03/2026

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: R. Q., Moraes;

Coleta de dados: R. Q., Moraes;

Análise de dados: R. Q., Moraes;

Discussão dos resultados: R. Q., Moraes;

Revisão e aprovação: R. Q., Moraes;

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não há conflitos de interesse: financeiros, pessoais, entre possíveis revisores e editores, possíveis vieses temáticos.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à Em Tese os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional (CC BY). Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.